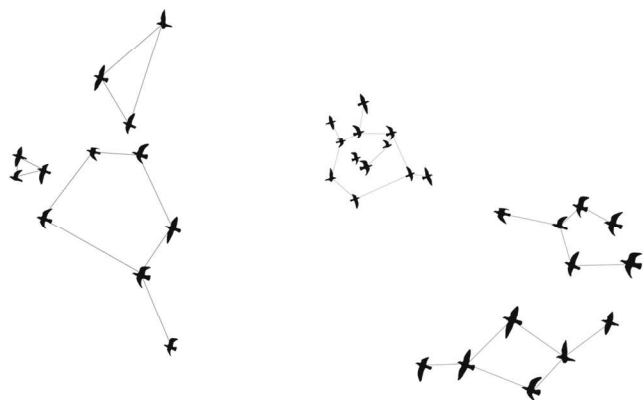




+LIVRO DE ATAS



infância(s) e juventude(s) na educação contemporânea



Universidade do Minho
Instituto de Educação

UNIVERSIDADE DO MINHO INSTITUTO DE EDUCAÇÃO 8-10 FEVEREIRO 2018
III COLÓQUIO INTERNACIONAL DE CIÊNCIAS SOCIAIS DA EDUCAÇÃO

José Augusto Palhares & Almerindo Janela Afonso (Coords.)

+LIVRO DE ATAS

José Augusto Palhares & Almerindo Janela Afonso (Coords.)

Carlos Alberto Gomes, Daniela Silva, Fernanda Martins,
Maria Emília Vilarinho, Natália Fernandes & Teresa Sarmento (Colabs.)

infância(s) e juventude(s) na educação contemporânea

Departamento de Ciências Sociais da Educação (DCSE)

Centro de Investigação em Educação (CiEd)



Narrativas de abandono e insucesso escolar na periferia de Lisboa – Fatores e processos

Filipa Pinho

CIES, ISCTE-IUL, Portugal
ana_filipa_pinho@iscte-iul.pt

Sandra Mateus

CIES, ISCTE-IUL, Portugal
sandra.mateus@iscte-iul.pt

Patrícia Amaral

CIES, ISCTE-IUL, Portugal
patricia.amaral@iscte-iul.pt

Neste texto irão debater-se os fatores e processos geradores de insucesso e abandono escolar através da análise de 6 entrevistas biográficas e 4 grupos focais a jovens com diversos perfis sociais, de desempenho escolar e de relação com a educação. As entrevistas e grupos focais foram desenvolvidos em 2017 no quadro de uma pesquisa qualitativa sobre as causas e características do abandono precoce e do insucesso escolar num concelho da Área Metropolitana de Lisboa. A pesquisa decorre do projeto europeu *Below 10* (Erasmus +), tendo como objetivo conhecer os diversos perfis de jovens em risco ou em situação de abandono escolar em diferentes territórios europeus. Da análise sobressaem condições de desigualdade específicas e um conjunto de fatores individuais, familiares, escolares e comunitários, que configuram quer as trajetórias escolares, quer as trajetórias biográficas dos jovens. São também esboçadas recomendações específicas para promover o sucesso escolar.

332

Palavras-chave: educação; abandono precoce; insucesso escolar; desigualdades

Introdução

Neste texto debatem-se os fatores e processos geradores de insucesso e abandono escolar identificados por jovens consultados no quadro de uma pesquisa qualitativa realizada no âmbito do projeto *Below 10* (Erasmus +). Este projeto tem o objetivo geral de combater o abandono escolar precoce, e o seu título recorda justamente a meta europeia estabelecida para 2020, de diminuição dessa percentagem para menos de 10%.

Com início em setembro de 2016 e final previsto em agosto de 2019, o projeto é promovido por nove organizações em seis países diferentes da UE e desenvolvido no âmbito do Erasmus+, um Programa da União Europeia. Os parceiros europeus incluem escolas e redes de ensino, ONGs e centros de investigação universitários. Em Portugal, o projeto desenvolve-se sob a coordenação do CIES-IUL.

Um dos objetivos específicos do projeto é a produção de novos conhecimentos sobre a relação dos jovens com a aprendizagem. Foi, neste sentido, desenvolvido um estudo que pretendeu: a) dar voz às experiências dos jovens sobre o processo, causas e



efeitos do abandono escolar precoce, retenção e desistência; b) reunir um conjunto de “histórias típicas de” abandono escolar precoce e de risco de desistência que refletem situações diferentes nas quais o abandono escolar precoce ocorre; c) identificar os fatores complexos, as ações e as perspetivas que subjazem ao abandono escolar precoce não só ao nível individual, mas também na escola e na comunidade/sociedade em geral. Embora também tenham sido ouvidos professores, formadores, educadores, outros técnicos escolares, responsáveis autárquicos e outros representantes de instituições locais, neste texto dedicamo-nos exclusivamente aos resultados da auscultação aos jovens.

O território de base do projeto situa-se num município da Área Metropolitana de Lisboa. O objeto de estudo inclui jovens, professores, formadores, educadores, técnicos e responsáveis autárquicos e outros representantes de instituições locais. Para o seu desenvolvimento, o projeto conta com uma rede de parceiros local – criada no âmbito do projeto, e que integra um conjunto de instituições locais e nacionais, tais como o Município, 3 agrupamentos de escolas, uma escola profissional, um observatório de juventude, duas Escolas Superiores de Educação, uma Comissão de Proteção de Crianças e Jovens local, uma equipa de Saúde Escolar, um representante local do Instituto do Emprego e Formação Profissional e um projeto de educação não formal baseado na aprendizagem da música. Um primeiro objetivo do *Below 10* foi a consolidação desta parceria local. Os parceiros locais tiveram um papel decisivo no auxílio à pesquisa qualitativa que constituiu a primeira atividade do projeto.

Este texto foca-se nos resultados da pesquisa qualitativa realizada em 2017, com um grupo de atores específico: os jovens. A pesquisa incidiu sobre as causas e características do abandono e insucesso escolares, e pretendeu conhecer os diversos perfis de jovens em risco ou em situação de abandono escolar nos diferentes territórios europeus onde o projeto decorre.

1. Algumas considerações sobre o abandono escolar

O veredito escolar tem um papel muito importante no processo de individuação e de representação de si, nos jovens. A “trajetória escolar, generalizada, confunde-se com a própria construção biográfica do jovem” (Vieira, 2010, p. 278) e a escola inscreve nos indivíduos uma “confiança institucional em si” (Martucelli, 2006, p. 45), reescrevendo as experiências anteriores a partir das avaliações escolares. Os processos educativos podem, assim, ter uma ação emancipadora sobre o jovem ou, pelo contrário, podem gerar ou reforçar a sua vulnerabilidade. O abandono escolar precoce é um fenómeno problemático para os jovens, que conduz à exclusão social e económica e à baixa empregabilidade. Mas é também nocivo para os territórios, uma vez que a cidadania contemporânea responsável e ativa exige elevados níveis de educação.

As escolas continuam a ser, por isso, tanto espaços de reprodução das desigualdades sociais existentes, como de produção de novas desigualdades (Bourdieu & Passeron, 1970; Duru-Bellat, 2002). Continuam a criar-se os “excluídos do interior” (Bourdieu & Champagne, 1992), ou os jovens “em risco”, assim designados nas políticas, rótulo este que gera, em si mesmo, processos de marginalização (Ball et al., 2000; Riele, 2006), “subclasses” de escolarizados com dificuldade em adquirir os conhecimentos escolares, pouco assíduos ou que abandonam os estudos antes de obterem as qualificações necessárias para fazerem face à complexidade da vida contemporânea (Estêvão & Álvares, 2014).



A eliminação do jovem pelo sistema tende a ser ainda mais violenta e estigmatizante do que no passado, porque os jovens sentem que dispõem de oportunidades, e são levados a considerar o insucesso escolar como um fracasso individual (Furlong & Cartmel, 1997). Apesar de geralmente usado para referir o incumprimento da escolaridade obrigatória, o abandono escolar precoce refere-se genericamente a qualquer de três tipos de insucesso: na conclusão do ensino secundário, na conclusão da escolaridade obrigatória ou na conclusão de qualificações ou certificações (General Directorate for Education and Culture, 2011).

Em 2002, quase 20% dos jovens europeus abandonavam prematuramente a escola. Os Estados Membros assumiram a meta de baixar este valor para menos de 10% até ao ano de 2020 (European Commission, 2013). Em 2016, a percentagem de abandono precoce na União Europeia (28 países) reduziu para 10,7% dos jovens entre os 18 e os 24 anos, em proporções que variam entre os 2,8% na Croácia e os 19,6% em Malta (European Commission, 2017). Em Portugal, o abandono escolar precoce tem reduzido significativamente. Em 2014, a percentagem de jovens entre os 18 e os 24 anos que se encontrava nesta situação era de 17,4%, enquanto em 2017 baixara para 12,6%. Apesar da tendência de diminuição dos últimos anos, o combate ao abandono escolar precoce continua a ser um desafio para todos os que estão envolvidos no processo.

2. O processo e a metodologia de pesquisa

Participaram no estudo 34 jovens, através da realização de 6 entrevistas biográficas e 4 grupos focais. Incluíram-se um conjunto diversificado de perfis, que se distribuem da seguinte forma: a) 15% jovens fora da educação/formação e do trabalho (*NEET*, conforme terminologia internacional); b) 3% jovens que não concluíram o ensino secundário e que se encontram empregados; c) 65% jovens com retenções ou em risco de abandono; d) 9% jovens reingressados à educação/formação depois de abandono precoce ou suspensão; e) 9% de jovens inscritos no ensino regular ou em formação profissional. A amostra portuguesa caracteriza-se, ainda, por incluir jovens com idades entre os 15 e os 24 anos, com uma distribuição de género equitativa. A maioria tem nacionalidade portuguesa e 35% têm origem imigrante. Apenas dois participantes, em 34, concluiu o ensino secundário; os restantes concluíram o 2º ciclo (17/34) ou o 3º ciclo (15/34).

Os guiões das entrevistas e dos grupos focais com os jovens incidiam sobre trajetórias e perceções sobre as causas do insucesso e abandono escolares e incluíam, também, perguntas sobre as suas recomendações para a prevenção do abandono e promoção do sucesso escolar.

3. Causas do insucesso e do abandono

As causas do insucesso e do abandono escolares distribuem-se por um conjunto de fatores agrupados em quatro categorias distintas: individuais, familiares, escolares e comunitários (fora da escola e da família). Ilustramos estes fatores com excertos dos discursos dos jovens.

De entre os fatores individuais, destacaram-se nas narrativas dos jovens aspetos relacionados com a (des)motivação e atitudes, o (excesso de) responsabilidades e autonomia, desejos de independência financeira, e alguns desafios em termos de saúde.



Eu esperava ela [a mãe] ir para o trabalho, saía e depois voltava para casa. Eu tinha sono e não queria ir para a escola. Porque o meu problema sempre foi ter de acordar cedo, depois ir para a escola às 8h e sair às 17:30h. Sempre tive aulas de manhã. Sempre. Sempre. [Mariana, 16, jovem que reingressou no ensino vocacional]

No segundo [ano reprovado] já foi da minha cabeça. Já estava a pensar que não devia ter chumbado no outro. Pronto, tornei-me um bocadinho rebelde também. Eu fui influenciado e comecei a influenciar também. Comecei a fazer a mesma coisa e a partir daí, pronto, é isso. Basicamente provoca uma revolta dentro da criança, eu penso que é isso. Senti mesmo uma revolta. E ver todos os meus irmãos a não reprovar e eu a reprovar é um bocadinho desmotivante. (...) Depois mudei de professora, graças a deus, até ao 4.º ano. [João, 18, jovem que não concluiu o ensino secundário, empregado]

Nos fatores familiares, ficou patente como a desistência é o resultado de desigualdades fundamentais: a prevalência de condições sociais vulneráveis e a carência de recursos económicos, muitas vezes devida ao desemprego dos pais ou a trabalhos mal remunerados. Destacaram-se ainda fatores como as estruturas familiares (complexas), nomeadamente famílias monoparentais ou alargadas, as (dificuldades nas) relações familiares geradoras de instabilidade emocional, e a existência de bloqueios e obstáculos à relação da família com a educação e a escola.

Isto é uma coisa que acontece na casa de muita gente, não falo de violência doméstica, mas muitas discussões de pais e isso tudo prejudica o desenvolvimento da criança na escola. Eu sofri um bocado com isso e daí eu ter outra maneira de pensar em relação à escola. Arrependo-me, claro, mas eu acho que em casa tem de se ajudar as crianças a estudar. Os pais sentarem-se e ajudarem os filhos a fazerem os trabalhos, tirar dúvidas, tudo mais. Perguntar como foi o dia da escola, se correu tudo bem, se não houve problemas. Lá está, foi uma coisa que eu não tive e quero dar ao meu filho. [Isabel, 22 anos, fora da educação/formação (NEET)]

Eu conheço muitas famílias, pelo menos no bairro da B., em que os miúdos chegam da escola, têm trabalhos de casa para fazer, e eles não estão a motivar os miúdos para fazer os trabalhos de casa. (...). No dia seguinte já vêm com trabalhos a dobrar ou a triplicar. Não fazem outra vez. Ficam de castigo na escola e os pais não estão a motivar. Eles são chamados à escola, não vão, não se dirigem à escola. [Mário, 17 anos, com retenções/em risco de abandono escolar]

Relativamente aos fatores escolares, os jovens identificaram aspetos organizacionais, como a integração em turmas problemáticas, a carga horária excessiva, o *bullying*, o mau relacionamento com os funcionários, entre outros.

Eu sempre tive o azar de ficar nas piores turmas. Basicamente era onde havia os rufias, na altura, e influenciavam toda a gente. Acabaram por me influenciar também. (...) Havia uma turma ainda pior. Havia uma que era calminha. [João, 18 anos, não concluiu o ensino secundário, empregado]

Outros aspetos considerados muito relevantes são os pedagógicos (métodos excessivamente passivos e ineficazes) e os relacionais (perfis problemáticos de professores, sentimentos de injustiças e de desigualdades de tratamento, falta de proximidade e de acompanhamento).

A stora, ela entra na sala e não para de falar... só fala inglês o tempo todo. Depois quando ela para, diz: vocês são desperdício de impostos. [Paula, 15 anos, regularmente matriculada na educação/formação profissional]



Eu não quero saber se vocês estão a aprender ou não. Eu ganho no final do mês.’ Ouvi isso tantas vezes. Ou então: ‘Professora, não estou a perceber! – Olha, que percebesse. Já expliquei uma vez, não explico duas.’ E os alunos vão desistindo... [Inês, 16 anos, regularmente matriculada na educação/formação profissional]

Os aspetos vocacionais, como não gostar dos cursos escolhidos, não poder escolher o curso preferido, não os cursos não conferirem a preparação adequada, também emergiram no discurso dos jovens.

Como é que te vais empenhar numa coisa que não gostas? Por isso eu acho que no próximo ano eu vou fazer o curso que eu gosto. [Mário, 17 anos, com retenções/em risco de abandono escolar]

No que diz respeito à comunidade, ou ao contexto mais abrangente em que a escola e a família se inserem, e à responsabilidade que tem na explicação do abandono e insucesso escolares, os jovens referem a insegurança e estigma dos territórios, a ausência de figuras próximas com trajetórias escolares mais longas, ou a incorporação dos jovens durante os estágios nos cursos profissionais.

Eu tenho o meu melhor amigo que desistiu da escola no 6.º ano porque ele disse que não tinha paciência e também não queria estar a acordar cedo. Há pessoas que não têm paciência para ir para a escola. Sim, e agora arrepende-se. Agora tem 22 anos. Desistiu com uns 16, 17 anos. Agora arrepende-se porque quer trabalho e também não consegue. Mas eu também já fui assim, faltava muito à escola e o ano em que eu também não fiz escola foi o ano passado. [Mariana, 16 anos, regressou à educação depois de um período de suspensão/abandono]

Notas finais

O insucesso e o abandono escolares explicam-se através de uma combinação complexa de fatores de origem diversa, que vão do espetro individual ao comunitário, passando pela família e, evidentemente, pela própria escola. E as desigualdades sociais, por terem impacto nas famílias, nos territórios em que a escola se insere, no contexto extraescolar, e na escola, subjazem a estes fatores. As estratégias de prevenção do abandono escolar e de promoção do sucesso escolar deverão ter em conta esta interdependência e intervir naqueles domínios, assim como é fundamental, como se fez neste projeto, ter em consideração as vozes dos protagonistas dos processos de abandono e insucesso escolares.

Juntamente com a referência aos fatores referidos, os jovens sugeriram que, por forma a reduzir o insucesso escolar e o abandono subsequente, fossem feitas mudanças: na escola, no perfil do professor e no reforço da relação das famílias com a escola. Deste modo, concluímos a apresentação com a identificação das recomendações dos jovens.

No que respeita à escola, globalmente os jovens recomendam que sejam desenvolvidos projetos e atividades artísticas, desportivas e escolares estimulantes, dinâmicas e atraentes que ofereçam visibilidade aos jovens e os ajudem a construir competências, confiança e autoestima.

Na sala de aula, sobre os professores e na forma como se organizam os cursos, os jovens sugeriram o reforço das aulas práticas, que houvesse uma boa receptividade das ideias e das sugestões dos alunos, a aposta em profissionais com um perfil mais adaptado



ao tempo presente, e também capazes de motivar e conversar sobre possibilidades de vida futuras. Também devia ser diminuída a carga horária dos cursos vocacionais e profissionais.

No domínio das famílias, os jovens consideram que o fortalecimento da presença das famílias para que apoiem/acompanhem os jovens nos trabalhos escolares seria também um dos aspetos a fazer diminuir o insucesso e o abandono.

Reforçamos, por fim, que os jovens possuem trajetos e experiências que deveriam estar legitimamente no centro da definição de políticas locais e nacionais de promoção da educação, ao invés de serem menosprezadas. O projeto pretende contribuir para recentrar estas vozes e experiências.

Referências bibliográficas

Ball, S. J., Maguire, M., & Macrae, S. (2000). *Choice, pathways and transitions post-16: new youth, new economies in the global city*. London: Routledge.

Bourdieu, P., & Passeron, J. C. (1970). *La reproduction. Éléments pour une théorie du système d'enseignement*. Paris: Minuit.

Bourdieu, P., & Champagne, P. (1992). Les exclus de l'intérieur. *Actes de la recherche en sciences sociales*, 91(1), 71-75.

General Directorate for Education and Culture (2011). *Data collection on and monitoring of Early School Leaving (ESL), Thematic Working Group (TWG) on early school leaving*, Recuperado de http://ec.europa.eu/dgs/education_culture/repository/education/policy/strategic-framework/doc/data-monitoring-esl_en.pdf.

Duru-Bellat, M. (2002). *Les inégalités sociales à l'école? Genèse et mites*. Paris : PUF.

Estêvão, P., & Álvares, M. (2014). What do we mean by school dropout? Early school leaving and the shifting of paradigms in school dropout measurement. *Portuguese Journal of Social Science*, 13(1), 21-32.

European Commission (2013). *Reducing early school leaving: Key messages and policy support. Final report of the thematic working group on early school leaving*. Recuperado de http://ec.europa.eu/education/policy/strategic-framework/doc/eslgroup-report_en.pdf.

European Commission (2017). *The education and training monitor*. Luxembourg: Publications Office of the European Union.

Furlong, A. & Cartmel, F. (1997). *Young people and social change: Individualization and risk in late modernity*. Buckingham: Open University Press.

Martucelli, D. (2006). *Forgé par l'épreuve. L'Individu dans la France contemporaine*. Paris: Armand Colin.

Riele, K. T. (2006). Youth 'at risk': further marginalizing the marginalized?. *Journal of education policy*, 21(2), 129-145.

Vieira, M. M. (2010). Incerteza e individuação: escolarização como processo de construção biográfica. *Sociologia*, 20, 265-280.